

Carlos Orleans Brandão carimbou no 1º turno o seu segundo mandato no governo do Maranhão

• PAG. 6



Brandão comemora a vitória com o vice Felipe Camarão

Maria Helena Castro celebrou 84 anos com uma tarde/noite que reuniu antigos amigos

• PAG. 4



Divulgação/Ayrton Vale

UM FOCO

de luz no charme e na
beleza de Ana Beatriz
Nazareno, em registro
especial para este fim
de semana

• PÁG.3



Nestes últimos dias, tenho acordado com a agradável sensação de que algo muito importante está acontecendo enquanto eu durmo. Estremunhado, pulo da cama, escancarro a janela que se abre para o jardim da minha casa e dou de cara com ela. Sim, é o retorno dela que está mudado o mundo durante o meu sono. Ela está de volta. Ela, a Primavera, que me saúda nestas manhãs de setembro com um sorriso que tem cor e vida, que tem cheiro e Sol.

Este ano, ela chegou nestes trópicos viajando no vento que descabela as ondas do mar lá adiante, levanta a saia da menina que passa a caminho do colégio, e espalha perfumes de flores distantes pelo ar. É sempre bem-vinda esta suave amiga que fecunda a terra, faz brotar a semente, colore o mundo, e renova o ciclo da vida ano após ano.

No jardim, a palmeira, que é a primeira visão que tenho ao abrir a janela todas as manhãs, dança faceira ao vento como se celebrasse um ritual pagão para anunciar a boa nova.

As árvores são filhas diletas da Primavera. E todos nós - suponho - temos pelo menos uma árvore que, de uma ou outra forma, deixou marcas e lembranças em nossas vidas. Eu as tenho várias. E sempre as recordo quando a nova estação dá as caras. Algumas vezes com alegria, outras, com melancolia, mas sempre com emoção.

Uma das primeiras árvores no meu afeto foi um

É PRIMAVERA

*e eu desperto com a sensação de estar ouvindo
uma sonata para as árvores da minha vida*

enorme cajueiro, que reinava num sítio que pertencera a meus avós no interior do Maranhão e onde, eu menino, às vezes passava as férias. Uma foto amarelada pelo tempo mostra-me de braços cruzados ao lado dele.

Costumava subir até os galhos mais altos, e lá de cima ficar espiando o movimento da casa e dos arredores. Ou então apenas deixava a imaginação voar solta e longe por sobre a vastidão daqueles campos que se estendiam a perder de vista. A esta árvore velha e paciente devo muitas esfoladuras, e também muitos bons momentos em companhia de mim mesmo.

Anos mais tarde, tive como amigo e confidente dos meus anos de formação um solitário flamboyant amarelo. Ele marcou as estações da minha adolescência atribulada. À sua sombra, nos intervalos das aulas, esforcei-me para decorar as quatro declinações do La-

tim, guardar na memória os nomes dos principais rios da Amazônia, aprender a extrair a raiz quadrada...

No seu tronco, esta sábia árvore exibiu, como cicatrizes, dezenas de marcas gravadas a canivete por gerações de alunos que um dia se refugiaram à sua sombra acolhedora. O centenário prédio do colégio, com suas arcadas e os seus longos corredores, não mais existe. Foram ao chão, ele e meu flamboyant amarelo. No lugar ergueram um supermercado e um estacionamento.

Mas o meu saudoso amigo renasce a cada Primavera nas minhas melhores lembranças, como há de viver, também, na memória de milhares de garotos que um dia se abrigaram sob a sua frondosa copa.

No Central Park, à altura do Museu Whitney de Arte Americana, vive outra árvore que faz parte de minha vida, embora só ocasionalmente nos encontremos. É um olmo com mais de 30 metros, que conhe-

ci há anos - mais tempo do que gosto de confessar - quando estive pela primeira vez em Nova York, cidade na qual acredito que tive uma vida passada porque com ela me identifico até demais.

Conhecemo-nos durante uma tarde primaveril em que, cansado de tanto caminhar pelo parque, sentei no chão junto a ele. Fomos apresentados por um simpático esquilo que, com a família, morava numa toca no tronco dele, e que me espiava, curioso, encarapitado num galho baixo. Aquele olmo acolhedor passou a ser anfitrião e ponto de referência na "minha" Nova York. Jamais deixo de visitá-lo, e já o apresentei para outros amigos com os quais marquei encontros à sua sombra.

A primavera aqui nos trópicos, sabemos todos, é mais uma expectativa que uma realidade. Não é uma estação, é estado propiciatório, rito de passagem para o alto verão.

Mas a brisa matinal que anuncia estes primeiros dias da Primavera me traz lembranças vívidas dessas árvores amigas que pautaram minha vida.

E para agradecer, vou ao meu jardim e acaricio cada árvore que plantei e que agora trombeta a chegada da mais bela estação do ano. Neste gesto alcanço também o cajueiro da minha infância, o flamboyant amarelo dos meus tempos de colégio, o olmo das minhas andanças mundo afora, e outras tantas árvores que pautaram alguns dos melhores momentos da minha vida.



Rasputin



Eça de Queirós

NOS TEMPOS

em que o binômio capilar barba-e-cabelo era essencial à dignidade de um homem

Da Idade Média até o primeiro quarto do século 20, no final da belle époque, o binômio capilar barba-e-cabelo era absolutamente essencial à dignidade de um homem. Carecas eram os escravos, os condenados, os loucos.

Depois dos 20 anos, homem que não fosse barbado era “suspeito”. Mesmo os não-positivistas usavam barbas copiosas e bigodes retorcidos como guidons de bicicleta... A abundância capilar era também o cartão de identidade dos militares graduados e dos intelectuais. Não se concebia um doutor, um professor, “(des)barbado”.

Barbados eram os prosadores, os filósofos, os poetas. Barbados eram Dostoevski e Tolstoi. Barbado era Machado de Assis – dono de uma barba rala de mestiço, na qual se podia contar meia dúzia de fios em cada face.

Eça de Queirós não usava barba, talvez até para desafiar a sociedade portuguesa, a quem ironizava nos seus romances realistas. Mas também não se atrevia a apresentar-se completamente glabro. Ficava no meio termo, ostentando um galante bigodinho, cuidadosamente revirado em cada ponta, como um rocambole capilar.

A mesma “arma” era usada por Castro Alves, enquanto declamava seus versos em

praça pública, ou na exclusiva alcova de Eugênia Câmara. Já o outro grande poeta da época, Gonçalves Dias, usava barba e bigode para impressionar Ana Amélia Ferreira do Vale, seu amor proibido, como, aliás, convinha a um poeta romântico.

Entre os militares, o adereço peludo era usado de acordo com a patente. Soldado raso era obrigado a apresentar a cara limpa. Mas aos tenentes já era deferido um bigodinho à D'Artagnan, que Rodolfo Valentino imortalizaria nas telas do cinema mudo.

Aos capitães, eram permitidos bigodes opulentos, franjados. Majores eram os homens das “suíças”, à inglesa, descendo das orelhas em direção ao queixo.

De coronel para cima, era de “lei” o uso da barba cerrada, a chamada “Passa-Piolho”, maior ou menor conforme a “antiguidade”. Um marechal teria o direito de barbas mais opulentas que as da própria figuração bíblica de Cristo.

O nosso Almirante Tamandaré fazia questão dessa “divisa” facial, tão densa que seria capaz de torná-lo rival do Moisés no Velho Testamento.

Pois o Novo Testamento, em matéria de barba-e-cabelo, é o oposto. Cocos raspados a zero encontram-se, às centenas, nas quadras de tênis, nos

campos de futebol e nos salões da melhor sociedade, ainda que os seus proprietários não padeçam de calvície.

Com o frio que transforma nossos dedos em gravetos de gelo, e que pede luvas, cachecóis e ponchos, os seres humanos revelam grave deficiência anatômica em sua carroceria: no Inverno, deveria brotar dos poros humanos (apenas nos homens, bem dito) a natural proteção que agasalha o urso polar: pelos, muitos pelos.

Seria uma metamorfose normal e nada assustadora, embora o resultado nos tornasse semelhantes aos lobisomens peludos dos filmes de terror. Só que ninguém se intimidaria, todos os homens estariam exibindo a mesma “vestimenta”. Em vez de luvas, pelos de urso nasceriam por três meses – os do Inverno – e cairiam, também naturalmente, depois do 21 de setembro, com a chegada da Primavera.

O ser humano rejeita o pelo da mesma forma com que o seu ancestral das cavernas o cortejava.

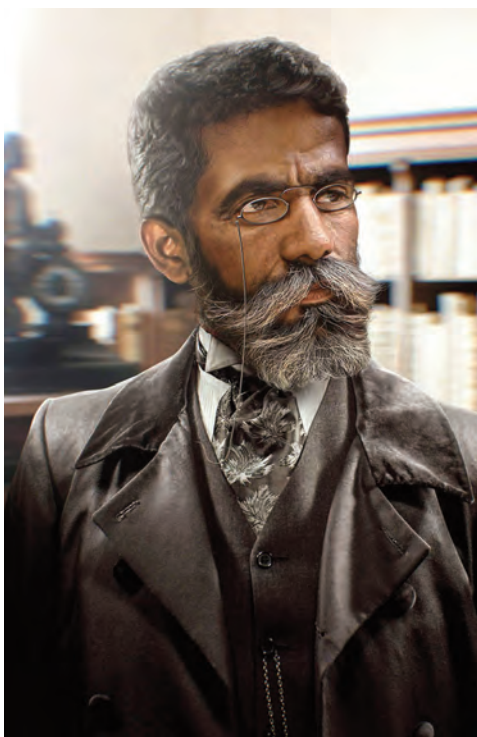
De minha parte, sem a menor vocação para entrar na onda fashion dos carecas, ou adotar a copiosa barba de um Rasputin, assumo o posto de cronista-raso e subalterno, pronto para pegar um resfriado de alta patente.



Rudolfo Valentino



Castro Alves



Machado de Assis



Tolstoi



Gonçalves Dias



PRÊMIO NOBEL DA LITERATURA

Era Primavera em Paris. E o jornalista Napoleão Sabóia comemorava a confirmação de uma entrevista, solicitada há vários dias, com a escritora francesa Annie Ernaux (foto), de quem acabara de ler Os Anos e que em sua opinião não tardaria a ser a primeira mulher francesa a conquistar o Prêmio Nobel de Literatura.

Quinta-feira foi concretizada a profecia do grande jornalista que há dois anos partiu para a eternidade sem ter essa confirmação.

A Academia Sueca elogia “coragem e acuidade clínica” da autora francesa, a primeira mulher do seu país a conquistar este prêmio, e a capacidade que vem demonstrando na sua obra para pôr “a descoberto as raízes, alienações e constrangimentos coletivos da memória pessoal”.

Annie Ernaux, de 82 anos, é a 17.ª mulher Nobel da Literatura entre os 119 laureados da história do prêmio, que tem atualmente um valor pecuniário de mais ou menos 550 mil reais.

PRÊMIO NOBEL ... 2

Nascida em 1940 em Lillebonne, na Normandia, num “cenário pobre mas ambicioso”, a escritora cedo iniciou “o seu trabalho literário que lida com a experiência de classe e de gênero”, aponta a Academia, citando as influências notórias, na produção da francesa, do clássico Em Busca do Tempo Perdido, de Marcel Proust, mas também do sociólogo Pierre Bourdieu.

A autora descreve-se como “uma etnóloga de si mesma” e não como uma escritora de ficção, recordou o secretário-geral da Academia Sueca, Anders Olsson.

“Ernaux examina, de forma consistente e a partir de diferentes ângulos, uma vida marcada por fortes disparidades de gênero, língua e classe. O seu caminho para a autoria foi longo e árduo”, nota

o comunicado do júri assinado por Olsson, elogioso e minucioso, detalhando como “a ambição de rasgar o véu da ficção a levou a uma reconstrução metódica do passado, mas também a uma tentativa de escrever um tipo ‘cru’ de prosa na forma de diário, registrando acontecimentos puramente externos”.

Embora já no ano passado o seu nome tivesse surgido entre os principais favoritos, e nas apostas deste ano aparecesse logo após Salman Rushdie, a nova Nobel da Literatura não esperava o prêmio. “Fiquei muito surpreendida... Nunca pensei que constasse da minha paisagem como escritora”, disse à televisão sueca SVT. “É uma grande responsabilidade... testemunhar com rigor e justiça em relação ao mundo”.

ANTIGAS LEMBRANÇAS DE PARIS



1 Toda vez que é feito o anúncio do nome do novo Prêmio Nobel de Literatura, que este ano teve como laureada a escritora francesa Annie Ernaux, lembro de minhas andanças por Paris e das inúmeras vezes que passei pelo Boulevard Saint Michel e tive a doce recordação de uma saborosa crônica de Gabriel García Márquez (foto), publicada no diário cubano Gramma, em que ele conta que não passava de um autor desconhecido naquele dia chuvoso da primavera de 1957, na capital francesa, quando descia o Boulevard Saint Michel, e viu, do outro lado da rua entre os transeuntes, a figura célebre de uma de suas devoções, o Prêmio Nobel da Literatura de 1954, Ernest Hemingway, imenso e inconfundível, com seus quase dois metros de altura, caminhando em meio à multidão, despreocupadamente.

2 García Márquez escreveu que naquele momento, emocionado pela visão inesperada, teve o ímpeto de atravessar correndo até a calçada oposta para confraternizar com seu ídolo. Prudentemente, no entanto, se conteve: “Eu não

tinha muita confiança no espanhol dele. Nem no meu inglês”. Limitou-se a gritar: “Maestro!”.

E recebeu em troca, da outra calçada, o aceno amistoso de um sorridente Hemingway: “Ele compreendeu que não poderia haver outro maestro (“professor” em espanhol) na multidão de estudantes do Boulevard Saint Michel”.

Hemingway fez mais, além de acenar ao jovem desconhecido: no castelhanos possível, berrou “Adiós amigo!”.

Nunca mais os dois voltariam a se cruzar. Por ironia do destino, em 1982, eu estava flinando nas ruas de Paris quando li a notícia de que García Márquez, assim como Hemingway, fora laureado com o Prêmio Nobel de Literatura.

3 A modéstia elegante do grande escritor colombiano, outra vez levou-o a divulgar a resposta do prefeito de Bogotá à sua reclamação sobre o racionamento de luz, que atrasava a finalização de um romance:

– Balzac, que escrevia melhor do que o senhor, trabalhava à luz de velas.

A festa dos vitoriosos em 2 de outubro

Fotos/Paulo Soares/Matheus Soares



O governador Carlos Orleans Brandão com o vice Felipe Camarão comemorando a vitória espetacular no primeiro turno da reeleição de Brandão e da eleição de Camarão



Outro momento da comemoração, por Brandão, Camarão e Flávio Dino, da vitória nas urnas



Após a primeira entrevista dada à TV Mirante, no dia seguinte à eleição, o Governador Carlos Brandão com o escritor José Carlos Sousa Silva, o Repórter PH, o ex-deputado e ex-ministro Sarney Filho e o jornalista Ricardo Capelli

Noite de Autógrafos de “Os 7 Sentidos”

O advogado maranhense Luis Augusto Guterres, o Guto, coleciona diversos títulos e honrarias em sua bem sucedida carreira jurídica, mas não abre mão de colecionar também, uma ampla produção literária, fruto de outra paixão que cultiva com igual dedicação como o faz com o Direito, que é a Literatura.

Guto Guterres, como é conhecido por seus amigos, é escritor e membro ativo da Academia Maranhense de Letras Jurídicas (cadeira de nº 15), e autor de diversas publicações, desde livros a artigos jurídicos divulgados em sites especializados, poesias e artigos publicados em diversos jornais. E já anuncia o lançamento de seu próximo livro “Os 7 Sentidos”, uma coletânea de 48 poemas e haicais, cada um com uma ilustração do artista plástico J. Lobato sobre o tema descrito.

O coquetel de lançamento com sessão de autógrafos será no dia 13 de outubro, quinta-feira, às 18h, no Salão Casa de Portugal no Convento das Mercês, e promete ser bastante concorrida, seja pelo amplo círculo de amigos do autor, seja pelo caráter beneficente do evento, que terá toda a renda da venda dos livros doada para a Paróquia São Paulo Apóstolo.

Esse é o quinto livro do autor, que já lançou As 7 Estações da Vida (1995); A Angústia da Profissão (2005), Manual de Defesa e Assistência do Advogado (2005),



O advogado, poeta e escritor Luis Augusto Guterres oferecendo ao Repórter PH o seu mais novo livro “Os 7 Sentidos”, que será lançado no próximo dia 13 de outubro no Convento das Mercês

Angústia da Profissão e Outros Escritos (2005) e Conversando sobre a Ordem e outros assuntos (2019).

Como bem descreveu Guterres “escrever um poema é um ato de extrema solidão, publicá-lo é o desnudamento público. Entendo, porém, que o conjunto da minha obra expresse a minha ansiedade e prazer em viver a vida, em todas as

suas estações e sentidos”. E que bom que Guto Guterres tem a delicadeza de dividir com seus amigos e leitores em geral essa coletânea de aprendizados, prazeres, dissabores e descobertas chamada vida. Sim, poeta, viver é um ato de coragem, assim como escrever sobre os sentimentos. Salve a poesia e a nova obra “Os 7 Sentidos”.

No Solar dos Presuntos

Depois que os grandes homens morrem e são sepultados, começa o trabalho de desenterrar suas frases que o bom senso e a cortesia social impediam de vir a público quando em vida.

Da sepultura de Federico Fellini, foi exumada esta joia: “É mais fácil ser fiel a um restaurante do que a uma mulher”.

De fato, os restaurantes despertam fidelidades extremadas. O Solar dos Presuntos, em Lisboa, é um exemplo veemente dessa verdade.

Nas vezes que estive lá, acompanhado por amigos de São Luís, sempre ocupei um posto privilegiado na casa, com a luz do entardecer coada entre as cortinas: o cenário adequado à grandeza do bacalhau ((apesar do nome “presunto” é especializado em frutos do mar!) e do Pata Negra que aportam à mesa com a pompa que merecem. Gosto de saboreá-los, quieto e comovido, à sombra de fotos penduradas nas paredes, de antigos frequentadores da casa, entre os quais os ex-presidentes José Sarney e Luiz Inácio Lula da Silva.

Em 2024, o restaurante Solar dos Presuntos irá celebrar 50 anos de existência e, claro, um grande rol de comensais satisfeitos. A sua gastronomia tradicional, com uma forte influência da cozinha regional minhota, encanta e convence.

No Gambrinus

E por falar em restaurantes lisboetas, na turística Rua das Portas de Santo Antão, enquanto os inúmeros restaurantes se digladiam pela atenção dos clientes, com esplanadas no meio da rua e expositores com o menu em diversos idiomas, uma casa com a fachada em madeira mantém-se “low profile”, de portas fechadas.

A única indicação de que se trata de um restaurante é uma placa com o símbolo do garfo e da colher, mesmo assim discreta demais.

Mas quem sabe, sabe, e os executivos, políticos, jornalistas, entre outras figuras importantes, não hesitam em entrar. Ao atravessar as cortinas de veludo vermelho, chega-se ao primeiro ambiente, o do bar, onde muita gente prefere fazer as refeições ou apenas petiscar.

Outro detalhe curioso é o aquário à entrada onde se pode ver lagostas à espera de serem retiradas e afogadas no tacho.

Favoritismo

A deputada Daniella (PSB) consolidou o seu favoritismo nas urnas com mais de 45 mil votos.

É, atualmente, uma das maiores lideranças políticas da região Central do Maranhão, onde foi abundantemente votada.

Em Presidente Dutra, sua força e popularidade dispararam nos últimos anos.

Daniella é filha da cidade, lá residem seus familiares, e é para onde ela tem destinado recursos, via emendas parlamentares, para viabilizar inúmeros benefícios para os seus conterrâneos.

Niver de 20 anos

A Faculdade de Negócios Faene, instituição comandada pelos empresários Ricardo e Michele Carreira e situada no Residencial Pinheiros, completará duas décadas de atuação no Maranhão em 2023.

A programação em homenagem terá início no mês de novembro deste ano com a apresentação de uma camiseta alusiva e um selo comemorativo.

A ideia é que sejam realizados 20 eventos dentro da programação comemorativa, incluindo cursos, seminários, palestras, encontros e cafés.

Bandeira Azul

O Brasil ampliou em 42% o número de praias e marinas certificadas com a Bandeira Azul, maior premiação global dedicada à gestão de praias, marinas e embarcações de turismo.

Infelizmente, nenhum trecho da orla marítima de São Luís, apresentada ao mundo como um dos principais atrativos turísticos do Maranhão, foi reconhecida como apta a receber a certificação, concedida a partir de critérios como foco em gestão ambiental e qualidade da água.

É que, poluídas há anos por toneladas de esgoto em natura, despejado por dezenas de milhares de residências e empreendimentos localizados no entorno, as praias da Capital, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa são constantemente reprovas por sucessivos relatórios de balneabilidade.

DESTAQUE DA CAPA

Fotos/Divulgação/Ayrton Vale



DESTAQUE de Capa do PH Revista deste fim de semana, a bela e sensual Ana Beatriz Nazareno, 25 anos, Miss Maranhão 2017 e logo depois trabalhou como modelo em São Paulo. De volta a São Luís, recentemente, ela decidiu focar no seu curso de Psicologia. Ana Beatriz continua trabalhando como modelo nesta Capital e aqui gosta de se exercitar, correr e dançar stiletto, que é a dança do salto alto.



Cidades francesas boicotam a Copa

A capital da França tomou uma decisão que vai dar o que falar.

Paris não vai instalar telões para os torcedores e nem organizar fan zones em suas ruas para promover a Copa do Catar, que começa em 20 de novembro e vai até 18 de dezembro.

A decisão está alinhada com outras sete cidades francesas que alegam motivos humanitários e

ambientais para o boicote.

Pierre Rabadan, vice-prefeito responsável pela pasta dos esportes de Paris, afirma ser impossível instalar as zonas de transmissão por duas razões: as condições da organização desta Copa do Mundo, tanto no que diz respeito aos aspectos ambientais como sociais, e o cronograma, o fato de que ela estará ocorrendo em dezembro.

Cidades francesas boicotam a Copa...2

Prefeitos de outros sete municípios franceses também não esconderam seu descontentamento.

As autoridades das cidades de Lille, Marselha, Bordeaux, Nancy, Reims, Rodez e Estrasburgo fizeram críticas alertando também para o tratamento dado aos migrantes que trabalham nas obras para a Copa e o número de mortes durante a construção dos oito estádios para o

evento no país do Golfo.

Embora o número oficial de mortos seja apenas três, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) afirmou em um relatório que 50 trabalhadores morreram em acidentes de trabalho no Catar em 2020 e 500 ficaram gravemente feridos, um número que poderia ser maior devido a lacunas no sistema de registro de acidentes.

De Érico Veríssimo

Texto do grande escritor gaúcho pinçado de sua obra pelo maranhense Georgino Melo e Silva e enviado para este caderno: “Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado até hoje a ideia de que o menos que o escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto”.

Fotos/Divulgação/Herbet Alves



Helena Castro entre as amigas de sempre: Juju Gaspar, Euda Baptista Quadros e Teresa Soares Pflueger



Rosário Almeida, Maria Helena Bello, a aniversariante Helena Castro, Vilma Paiva e Maria Elza Bello

HELENA CASTRO

e a peregrinação por lugares marianos para purificar a alma ao completar 84 anos

Qual devoto da Virgem Maria que nunca sonhou em peregrinar pelos Santuários Marianos? Para quem não sabe, é uma viagem que mistura cultura e religião, na qual podemos conhecer santuários como El Pilar, Montserrat, Lourdes, Mirixell, Fátima, Compostela, etc. A rota

apresenta, além do lado espiritual, incríveis paisagens europeias, uma gastronomia deliciosa e cidades como Lisboa, Madri, Santiago, Barcelona. Ao completar 84 anos, a professora Maria Helena Castro se deu de presente esse passeio coordenado pelo Padre Heitor Moraes. E ainda não refeita das

emoções da viagem – muitos lugares ela já havia conhecido com o seu saudoso marido Armando Castro –, chamou suas melhores amigas para uma tarde/noite festiva, de boas conversas e muita alegria e comemorou sua nova idade com bolo de aniversário e coro de “parabéns pra você”.



Família Nunes: Marco Antonio com a filha Alicia, a aniversariante Helena, Gabriel Ribeiro (namorado de Alicia) e a esposa Livia Helena



Gardeninha Castelo e sua mãe, ex-prefeita de SL, Gardênia Gonçalves



Helena Castro com Armando Castro Filho



Sonia Baptista Ferreira, Helena Castro, Donizetti Machado Eliane Duailibe Pinheiro



Alicia Castro Nunes



Heloisa Peixoto e a filha Cláudia Peixoto Duailibe



Maria Elvira Fecury



Fernanda Mendonça



Helena Castro com Vilma Paiva e Rosário Almeida



Juarez Paiva e o Padre Heitor Moraes



Raquel Silva, Heloisa Peixoto, Claudia Duailibe, Socorro Bispo e Helena Castro e Rosalina Desterro e Silva



Lolosa Soares e a aniversariante



Iago Armando Castro e Juliana Dias



Helena Castro e Suely Bedê

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



A grande homenageada do Fórum da Mulher Empresária, a infectologista Maria dos Remédios Freitas Carvalho Branco ladeada por Ainah Maciel e Jacira Haickel



Venísia Ferreira e a vice-prefeita Esmênia Miranda

TROFÉU MULHER NOTÁVEL

Ainda repercute na sociedade o sucesso do Fórum da Mulher Empresária, realizado na segunda quinzena de setembro, e, em especial,

a homenagens prestada às mulheres que são destaque em suas áreas de atuação, com a entrega do Troféu Mulher Notável em três categorias: Social: Dr^a Maria dos Remédios

Freitas Carvalho Branco, a mais aplaudida médica infectologista do Maranhão; Empresarial: Dr^a Hildenê Bastos, médica e CEO da Clínica Personalitté, sócia da Clínica Check-

up Mulher e franqueada da marca Avatim em São Luís; Poder Público: Elimar Figueiredo de Almeida Silva, Procuradora Geral da Justiça (entre os anos 1989 e 1994.



Hildenê Bastos, médica e CEO da Clínica Personalitté



Dona Elimar Figueiredo Almeida Silva com a filha Virgínia Albuquerque e a neta Rafaela



Maristela Escabim, Jacira Haickel e Jussara Nogueira



Ana Cristina Brandão



Maria dos Remédios Branco e sua mãe Rocilda Freitas



Lourdinha Almeida



Manu Schiavotelo Mendonça



Ana Célia Feijó e Iêda Falcão Oliveira



A estrela do basquete Iziane Castro Marques



Camila Paixão



Dona Maria Sardinha (102 anos)

Nada é mais sublime do que a ingenuidade de uma criança. E é inspirado nos gestos de pureza e inocência que todos aguardamos com ansiedade o Dia das Crianças. Na semana dedicada às crianças, oferecemos estas belas imagens



"O paraíso não é um lugar, é um breve momento que conquistamos dentro de nós." (Mia Couto)



"Imaginando oceano, as crianças brincam na poça de água." (Carlos Novais)

Fotos/Reprodução

CRIANÇA: aquela que temos dentro de nós

Dia da Criança? Sim, temos uma criança muito perto de cada um de nós, muito perto mesmo, temos a nossa criança dentro de nós. É ela mesma, e está esperando pelo dia dela. Então, vamos procurar a nossa criança, aquela que temos dentro de nós, uma das partes de nós, aquela que responde pelo nosso estado emocional. Descobrir como está, como está se sentindo agora, como é hoje. Quem sabe ainda está rabugenta, mimada, teimosa, fazendo 'beicinho' por tudo, ou está retirada, lá no cantinho, sem coragem para se fazer ouvir, pois todas as vezes que se fez ouvir suas vontades foram cortadas, ou quando ela descobriu

que o prazer era proibido e começou a esconder o prazer. Ou desistiu dele? Sim, porque ela já pode ter mudado a maneira de ser.

Precisamos descobrir a criança que ainda existe dentro de nós e dar a ela nossa atenção, e, quem sabe, um novo espaço para ela. Porque nós sabemos agora quanta falta ela está fazendo. Seu sorriso, sua risada, suas brincadeiras, quanta falta está fazendo! Vamos dar a ela o espaço para nos ajudar a ser feliz. Fazer de nossos momentos internos um prazer, com brincadeiras, visões gaiatas das coisas.

Vamos voltar a ser criança, agora dando valor a suas atitudes naturais, às coisas simples da vida.

Valorizar nossa criança interior é dar espaço, deixar que ela apareça toda vez que estivermos necessitando de sua colaboração. Porque assim, ela não vai precisar ser rabugenta, cheia de exigências que não são boas para nossa saúde. Permitir que ela seja uma presença sadia dentro de nós é saber rir com você mesmo, por uma piada que se lembrou, uma brincadeira que fazia, uma 'esperteza' que cometia ou uma palhaçada que acabou de fazer. E também é dar a ela hoje o espaço para ser feliz, cuidar dessa felicidade, o espaço para se divertir, de maneira saudável, livre das manias e reclamações dos adultos e do adulto dentro de nós.



DIA DAS CRIANÇAS NO MUNDO

Enquanto no Brasil o Dia da Criança é comemorado em 12 de outubro, muitos países homenageiam as crianças em outros dias do ano.

Na Índia, é em 15 de novembro. Em Portugal e Moçambique, a comemoração é no dia 1º de junho. Na China e no Japão, a comemoração

acontece em 5 de maio.

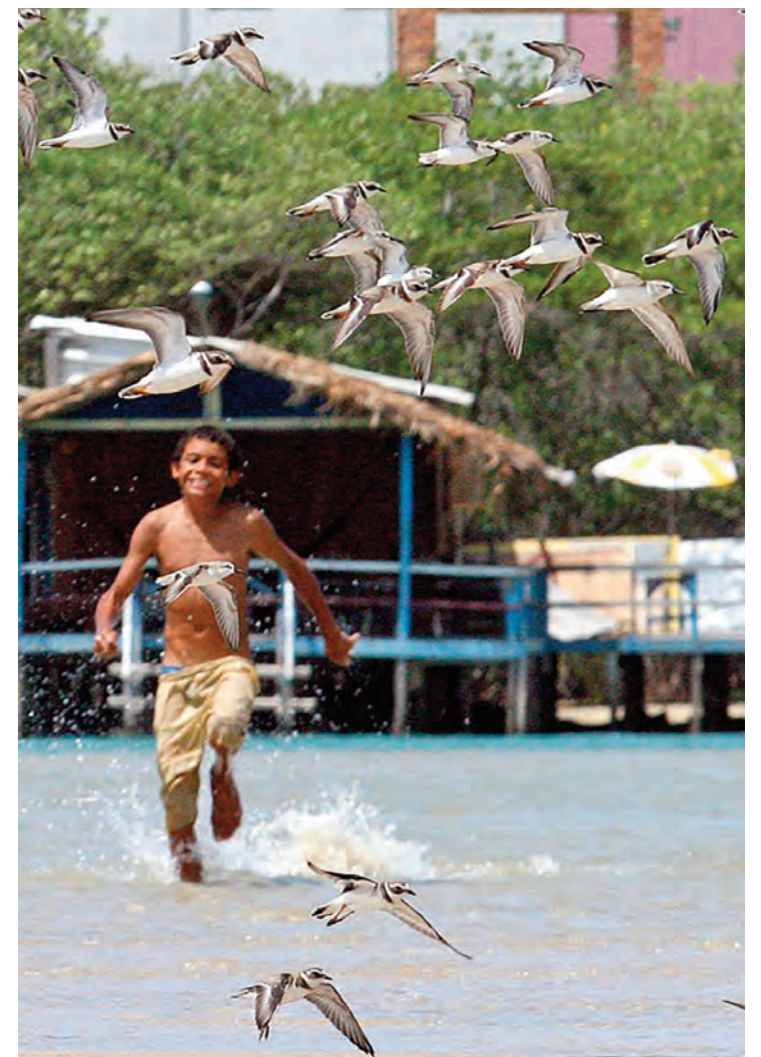
A Organização das Nações Unidas, também conhecida como ONU, comemora o dia de todas as crianças do mundo em 20 de novembro.

Foi nessa data que os países aprovaram a Declaração dos Direitos das Crianças.



"Sossega menino!
No mundo ainda tem crianças!
Não arrancaram os roseirais da terra
nem feneceram ainda as esperanças.
Sossega menino!"

(Américo Azevedo Neto na peça
"Em tempo de amor ao próximo")



No romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, dois irmãos passam pela história de forma bem particular, mas impiedosa: sem nome, com idade incerta, sem identidade, quase invisíveis para o poder público e até para as próprias famílias, endurecidos prematuramente pela distância das relações, pela aridez do chão que percorrem. Infelizmente, esses meninos da obra de 1938 não se restringem à literatura. Eles representam muitas das crianças criadas em períodos de seca. São universais, atemporais e, sobretudo, reais. Eles são os meninos e meninas que passam pela seca, absorvem suas marcas e as carregam em meio à luta pela sobrevivência, pela água, pelo direito de viver sua infância sem violação de direitos fundamentais.

CRIANÇA: NEM TODOS LEMBRAM DESSE SER DE LUZ

Já dizia Julien Green: "A criança dita e o homem escreve". Antoine de Saint-Exupéry, autor de "O pequeno príncipe", lembrava que "todas as grandes personagens começaram por serem crianças, mas poucas se recordam disso". Katherine Mansfield, a grande dama do conto curto, bradava: "Quero tornar-me aquilo que sou: uma criança feita de luz."

Já o poeta Fernando Pessoa advertia: "Nenhum livro para crianças deve ser escrito para crianças." Albert Einstein ensinava: "O estudo, a busca da verdade e da beleza são domínios em que nos é consentido sermos crianças por toda a vida."

As crianças querem saber tudo. A propósito, Arnaldo Antunes afirmou: "Crianças gostam de fazer perguntas sobre tudo. Mas nem todas as respostas cabem num adulto." O grande líder negro Nelson Mandela dizia que "Não existe revelação mais nítida da alma de uma sociedade

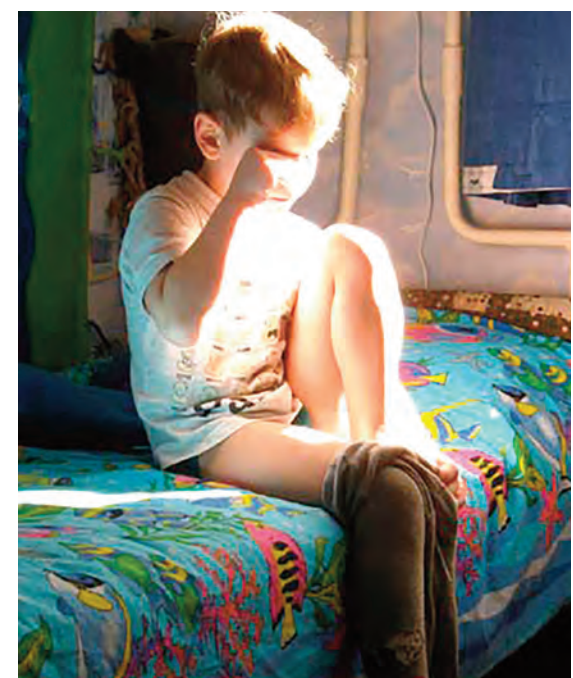
do que a forma como esta trata as suas crianças." Millôr Fernandes divagava sobre o tema: "Uma criança está deixando de ser criança no dia em que começa a fazer perguntas que têm respostas." E lembrava: "Pegamos o telefone que o menino fez com duas caixas de papelão e pedimos uma ligação com a infância."

É de Alberto Caeiro, heterônimo de

Fernando Pessoa in "Poemas Inconjuntos" este que é um dos mais belos poemas sobre o tema: "Criança desconhecida e suja brincando à minha porta. / Não te pergunto se me trazes um recado dos símbolos. / Acho-te graça por nunca te ter visto antes, / E naturalmente se pudesses estar limpa eras outra criança, / Nem aqui vinhas. / Brinca na poeira, brinca! / Aprecio a tua presença só com os olhos. / Vale mais a pena ver uma cousa sempre pela primeira vez que conhecê-la, / Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez, / E nunca ter visto pela primeira vez é só ter ouvido contar. / O modo como esta criança está suja é diferente do modo como as outras estão sujas. / Brinca! pegando numa pedra que te cabe na mão, / Sabes que te cabe na mão. / Qual é a filosofia que chega a uma certeza maior? / Nenhuma, e nenhuma pode vir brincar nunca à minha porta."



Poesia é uma criança, que senta aos pés da Memória para escutar o Tempo. Coloca os pés na areia e segue outros passos. É um segredo esse, que te quero. Escondo sob a capa de palavras doces



"Todas as grandes personagens começaram por serem crianças, mas poucas se recordam disso".

(Antoine de Saint-Exupéry)

Sábado com o melhor do rock nacional

Quem perdeu o Rock in Rio 2022 terá uma oportunidade, na noite deste sábado, nos jardins do Blue Tree Towers Hotel, de assistir ao mesmo show apresentado pela banda Capital Inicial no festival.

É que o grupo incluiu São Luís em sua turnê alusiva aos 40 anos de estrada. A apresentação, com abertura de Pandha, Joy Sousa e DJ Arsênio Filho, destacará sucessos que atravessam gerações, como "Fátima", "Primeiros Erros" e "O Passageiro".



Fotos/Divulgação

Dinho Ouro Preto, do Capital Inicial, levará sua energia para os jardins do Blue Tree Hotel na noite deste sábado



O prefeito de Caxias, Fábio Gentil, consolidou seu nome como uma das maiores expressões da política no Maranhão nestas eleições com a vitória da filha, Amanda Gentil, para deputada federal, e de sua companheira de vida, Daniella, para deputada estadual. Fábio foi também um forte aliado na reeleição do governador Carlos Brandão e na eleição de Flávio Dino ao Senado. Ou seja, Gentil desponta como um dos maiores líderes políticos do interior do estado, com um futuro promissor

Os eventos de adoção da Terra Zoo vão além da possibilidade de se levar um mascote para casa. São também uma oportunidade para se cuidar da saúde do pet, seja por poder fazer teste para a detecção de calazar ou por colocar em dia a vacinação contra raiva, por conta de uma parceria com a Unidade de Vigilância e Zoonoses de São Luís (UVZ). Na foto, Joyce Milene, analista de Marketing da empresa, é vista na companhia de veterinários e vacinadores em evento de adoção realizado em frente à unidade do Rio Anil Shopping



Maranhão na expedição "Confina Brasil"

Para mapear os confinamentos brasileiros, a expedição "Confina Brasil 2022" está percorrendo o país em cinco rotas e passando por oito estados.

Trata-se da maior pesquisa expedicionária que visita propriedades focadas na pecuária de corte intensiva para coletar informações e ver as melhores práticas aplicadas em confinamentos e semiconfinamentos nas diversas regiões produtoras.

Pela primeira vez, o Maranhão participa desse estudo, por meio da Fazenda São João, do Grupo Fribal, localizada no município de Campestre, com cerca de 30 mil cabeças de gado por ano.

O vice-presidente do Grupo Fribal, Gustavo Oliveira, acompanhou a visita e destacou o orgulho em estar entre os melhores produtores de carne do país e em linha com as melhores práticas do agronegócio nas áreas de confinamento e integração lavoura-pecuária.

Na Fazenda São João, do Grupo Fribal, o vice-presidente do grupo, Gustavo Oliveira, entre Eugênio Júnior e Renato Correia comemorando o sucesso da visita do time do projeto "Confina Brasil"



- Na última quinta-feira, o deputado estadual eleito Fernando Braide (PSC) foi entrevistado no programa Ponto Final, na Mirante AM. Com 42.506 votos, ele foi eleito para o seu primeiro mandato na Assembleia Legislativa do Maranhão.

- Fernando Braide afirmou que entrar na política sempre foi uma vontade sua e que dentro da família não há pressão para ingressar nesse meio.

- Ele revelou também que tentou concorrer em outras eleições, mas avaliou que o momento não era o ideal.

- Estimular, capacitar e formar empreendedores e futuros empresários no Maranhão tem sido a bandeira da Faculdade de Negócios Faene, instituição comandada pelos empresários Ricardo e Michele Carreira, situada no Residencial Pinheiros, e que vai completar duas décadas de atuação no Maranhão em 2023.

- A programação em homenagem terá início em novembro deste ano com a apresentação de uma camiseta alusiva e um selo comemorativo. A instituição agrega cursos de graduação e pós-graduação, atuando na capital e interior, além de outros estados.

- Responsável por emplacar o Maranhão na rota dos grandes festivais do país, o Lençóis Jazz & Blues Festival chega a sua décima quarta edição ampliando os espaços para que mais pessoas possam despertar o interesse pela boa música.

- Nesta edição, a programação, gratuita e aberta ao público, será dividida em dois circuitos: Barreirinhas e São Luís.

- E começou com shows e oficinas na cidade que é porta de entrada para o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

- Os shows do Circuito São Luís acontecerão na Concha Acústica Reynaldo Faray, na Lagoa. A iniciativa tem entre os propósitos oportunizar valiosas trocas de experiências também entre os artistas.

- São Luís recebeu o Selo Connected Smart Cities Nível Bronze durante o encerramento do Connected Smart Cities & Mobility, considerado o maior evento de Cidades Inteligentes e Mobilidade Urbana do Brasil.

- Por meio da Secretaria Municipal de Inovação, Sustentabilidade e Projetos Especiais, o órgão participou do Connected Smart Cities 2022, iniciando a elaboração do Plano São Luís Inteligente em parceria com o Consórcio São Luís Smart City, formado pelas empresas Soluções Públicas Inteligentes (Spin) e Urban Systems.



No começo do século passado, pintores, escultores e cenógrafos montaram no bellissimo restaurante Le Train Bleu uma espécie de permanente ópera renascentista em louvor do trem

LE TRAIN BLEU

e os belos momentos que arqueei na minha coleção de lembranças

Um dos melhores livros de memórias que já li é Meu Último Suspiro, de Luis Buñuel, escrito a quatro mãos com seu roteirista preferido, Jean-Claude Carrière. A folhas tantas, o diretor de O Discreto Charme da Burguesia conta que desejou filmar a primeira cena de A Bela da Tarde no restaurante da Gare de Lyon, mas não houve acordo possível com o dono. A recusa não diminuiu a admiração de Buñuel pelo local, que se chama Le Train Bleu. Ali, no começo do século passado, pintores, escultores e cenógrafos montaram uma espécie de permanente ópera renascentista em louvor do trem.

E como há poucos se inaugurou a primavera aqui nos trópicos, lembrei da última primavera em Paris, quando voltei ao Le Train Bleu, mais de dez anos depois de ter estado ali pela primeira vez. Queria não só revê-lo, mas apresentá-lo a uma amiga afeita às coisas do bom gosto. Ao entrar no ambiente, ela exclamou: "É realmente algo soberbo!". Estávamos diante de um palácio suspenso em forma de uma grande composição, dizem que inspirada naquele mítico e luxuoso Expresso Oriente.

Era um fim de tarde e me pareceu que eu mesmo fazia uma viagem no tempo, ao ver aqueles empertigados cavalheiros ingleses lendo o Times, senhoras adornadas de jóias e de peles, tudo em meio a uma dourada atmosfera de

refinamento que só o dinheiro longamente havido sabe comprar.

Não foi essa a minha única expedição ao mundo dos ricos. Falei aqui um desses dias que gosto do ambiente acolhedor dos pequenos bistrôs, dos bars à vins, dos cafés. Ultimamente, no entanto, tenho me preocupado em bisbilhotar lugares famosos tanto pelo que servem quanto pelo que cobram. Não, não ganhei na loteria: na maioria das vezes tenho me limitado a pedir um cafezinho ou um cálice de Porto. Pois em uma viagem se deve viver momentos agradáveis quando menos para arquivar na coleção de lembranças.

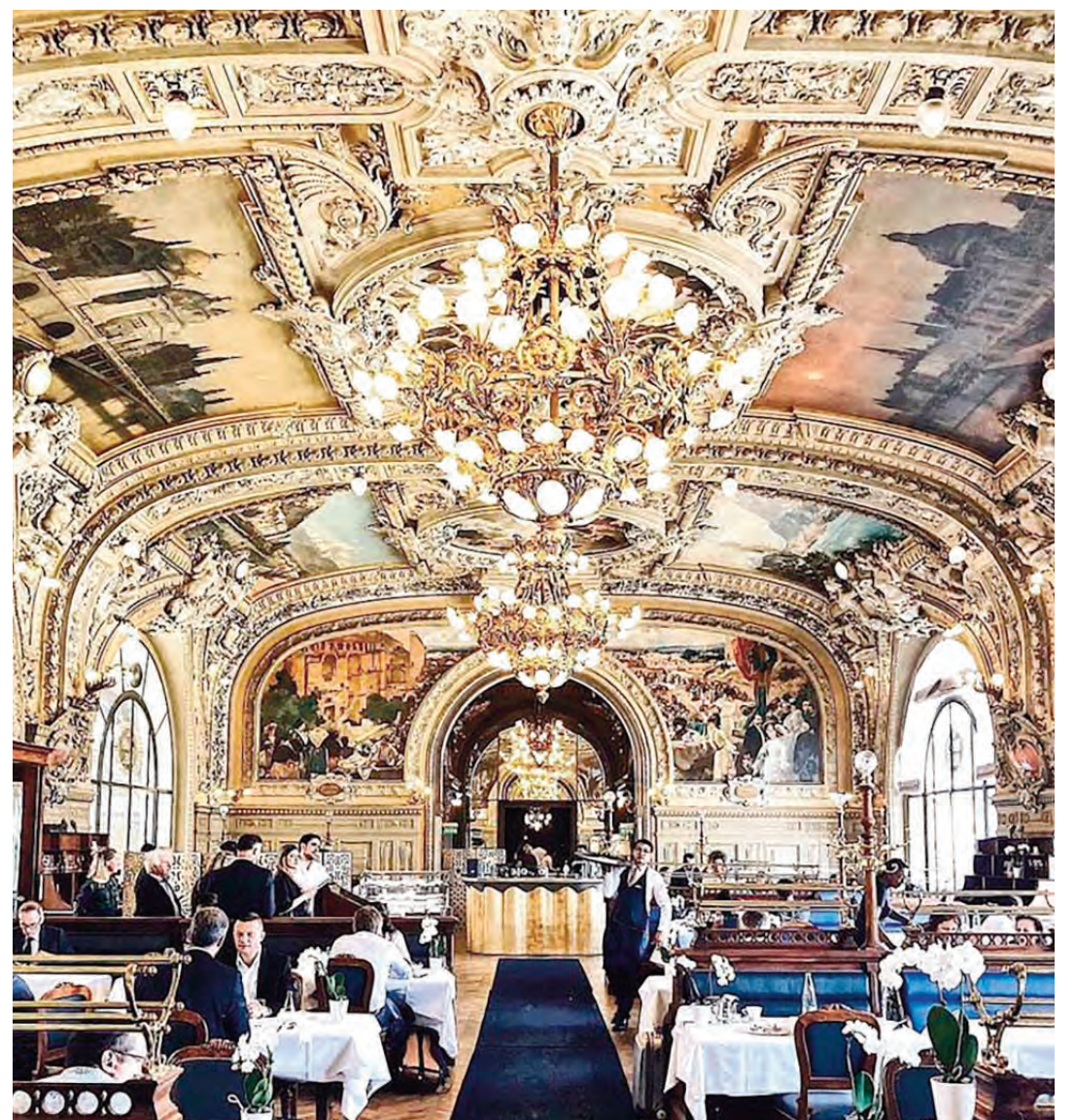
Do Train Bleu fomos ao Berthillon, na Île de Saint-Louis, onde o sorvete é uma tal obra de arte que a gente o degusta com os cinco sentidos. Pelos dias seguintes visitamos mais alguns desses templos da boa mesa. Não reví o Pierre Gagnaire nem o Joël Robuchon e muito menos o Guy Savoy. Passei ao largo da Tour d'Argent. Mas atesto a quem interessar possa que comi como um rei no Le Meurice, no hotel do mesmo nome transformado por Philippe Starck num hotel boutique de luxo, com o surrealismo de Dalí. E também no Four Season George V, da avenida do mesmo nome, território de embaixadas e maisons de alta-costura, sem esquecer do Ma Bourgogne, da Place des Vosges, onde mandei baixar uma demi-bouteille de vinho daquela capitolosa

região. Estive ainda no Fouquet's, que fica nos Champs Élysées e é todo um compêndio de sofisticação, das louças aos talheres e aos espessos tapetes sobre os quais deslizam herdeiras americanas. A vista para a avenida é magnífica e até a banca de jornais em frente lembra uma catedral de bronze.

Em nenhuma dessas escalas me bateram mais do que amenas emoções estéticas: aprecio o que é bonito. Comovi-me de verdade foi num simplicíssimo tabac, instituição onipresente na França, onde, como se sabe, fumar não é pecado. Eu fugira de uma tromba-d'água e enquanto saboreava um expresso notei que começavam a chegar a uma sala anexa, molhadas como pintos, crianças fantasiadas, acompanhadas de suas jovens mães. Riam e falavam ao mesmo tempo, inventavam jogos e brincadeiras e a certa altura uma das mães convidou Ali, o menor dos meninos, o único que estava sozinho, o que trazia a fantasia mais pobre e tinha a pele crestada dos filhos do deserto, a colocar-se no centro do círculo. E então lhe cantaram uma canção e lhe deram presentes e um sorriso tímido se desenhava na face de Ali.

Aquilo me tocou o coração. Olhei para fora. As águas de março caíam mansamente e regavam os jardins que começavam a florescer na primavera de Paris.

Minha mais recente incursão no suntuoso Le Train Bleu, mais de dez anos depois de ter estado ali pela primeira vez. Não foi simplesmente para revê-lo, mas para apresentá-lo a uma amiga afeita às coisas do bom gosto, a designer Cintia Klamt Motta



Outra visão panorâmica de Le Train Bleu, com a casa lotada



O belo salão de Le Train Bleu visto de outro ângulo não menos deslumbrante